



*

SEMIÓTICA PARA NABOS Um micro Manual

Francisco Cardoso Lima Fevereiro 2006

Mestrado **Criação Artística Contemporânea** | **Projecto de Instalação Artística** DeCA | UA | PT

Disponível para download (formato PDF) em <http://ua.clinik.net/pia/>

SEMIÓTICA PARA NABOS

Um micro Manual

Nota

Sinal

Sinal/Signo

Semiótica e Comunicação

NOTA

“Semiótica para Nabos - Um Micro Manual” foi realizado a partir de um documento elaborado por António Fidalgo e Anabela Gradim, referências nacionais no estudo desta matéria. Segue, como orientação, a ordem estabelecida no referido documento “Manual de Semiótica”. Alguns dos termos usados, os próprios exemplos, etc..., pela dificuldade da sua especificidade e tecnicidade, guiam-se por aqueles apresentados pelos referidos autores no referido documento.

Assim, devo recomendar a leitura do documento que me serviu de base. Neste sentido, está incluído, à direita de cada título, o número da página correspondente no “Manual de Semiótica” onde os temas se encontram desenvolvidos.

Acrescentei um conjunto de imagens que me parecem poder ajudar a esclarecer os exemplos apresentados para quem está a fazer uma primeira abordagem sobre o tema.

Por isto mesmo deixo, logo à partida, a fonte que se tornou fundamental para a elaboração de “Semiótica para Nabos - Um Micro Manual”:

**“MANUAL DE SEMIÓTICA” DE ANTÓNIO FIDALGO E ANABELA GRADIM,
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, 2004/2005**

<http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-antonio-manual-semiotica-2005.pdf>@ 21.1.2006 14:50 PT

SINAL p.9

Pode-se entender um sinal como uma marca distintiva, identificativa, individualizando uma segunda coisa entre várias coisas (o sinal da pele, os olhos azuis). Não contêm em si o seu significado. Não são sinais por si só. São-o em relação dependente e directa a algo a que estão associados e o qual caracterizam.



1

Outros sinais não caracterizam nada (sinais de trânsito). Existem isolados e contêm em si o seu significado. Não assinalam, ou só o fazem indirectamente (pela não dependência de algo).



Está assim colocada a questão da importância do significado para a validade do sinal. Conhecer um sinal é conhecer o seu significado. Conhecer o seu significado é conhecer o seu código.



H12 – Telefone



H13a – Posto de abastecimento de combustível



H13b – Posto de abastecimento de combustível com GPL



H14a – Parque de campismo



H14b – Parque para reboques de campismo

O sinal está dependente de um significado que exige a aprendizagem de um código (sinais de trânsito e código de estrada). O que caracteriza todas estas coisas (objectos, gestos, acções, etc...) enquanto sinais é o facto de serem coisas com a finalidade de significarem, porque há subjacente a todas elas uma intenção significativa. Caso contrário, perdem a dimensão de sinal restando-lhes a sua dimensão de coisa. (Nesta categoria de sinais, os sinais linguísticos revestem-se de substancial importância.)

Há uma intenção significativa subjacente e um código que regulamenta este tipo de sinal.

“Não pode haver sinais sem um “de” à frente; ao serem sinais são sempre sinais de algo. É isso que sobressai na definição clássica de sinal: aliquid stat pro aliquo, algo que está por algo. Este “estar por” é muito vasto, pode significar muita coisa: representar, caracterizar, fazer as vezes de, indicar, etc. O mais importante aqui é

2 Montagem feita a partir de imagens disponíveis em <http://www.dgv.pt/dgv/index.asp> @ 4.2.2006 2:02 PT

3 Montagem feita a partir de imagens disponíveis em <http://www.dgv.pt/dgv/index.asp> @ 4.2.2006 2:02 PT

sublinhar a natureza relacional do sinal, o ser sempre sinal de alguma coisa.”⁴

Neste sentido e por este carácter relacional, o sinal reivindica para si um vasto universo. As relações entre coisas, sejam as relações mais ou menos prováveis, ou mesmo improváveis, sejam as coisas mais ou menos próximas, ou mesmo afastadas, ganham uma grande importância e complexidade.

SINAL/SIGNO p.15

Sinal é um termo com uma utilização intensiva quotidiana, usado com frequência em diversos contextos. É, por isso mesmo, um termo mais vasto, menos preciso. *Signo* é um termo erudito e, na Semiótica, reveste-se de carácter técnico. Até aqui, o uso do termo “sinal” refere-se àquilo que na linguagem semiótica é tratado por “signo”. Na semiótica, “sinal” é tido como um tipo de “signo” (a par de outros, por exemplo, sintomas, ícones, índices, símbolos ou nomes) que desencadeia uma acção (mecânica ou convencionalmente) por parte do receptor, à imagem dos sinais de televisão que provocam nos receptores televisivos um conjunto de efeitos.

SEMIÓTICA E COMUNICAÇÃO p.16

A escola processual da comunicação entende a comunicação sobretudo como um fluxo de informação (Shannon e Weaver, “A Teoria Matemática da Informação”, 1949): Uma fonte passa a informação a um transmissor que a coloca num canal (mais ou menos sujeito a ruído) que a coloca num receptor que a passa a um destinatário. Este é um modelo linear do entendimento do processo comunicacional por isso extraordinariamente eficiente na detecção e resolução dos problemas técnicos da comunicação. Segundo os autores, este processo de comunicação lida também com problemas semânticos e pragmáticos, no qual se distinguem 3 níveis:

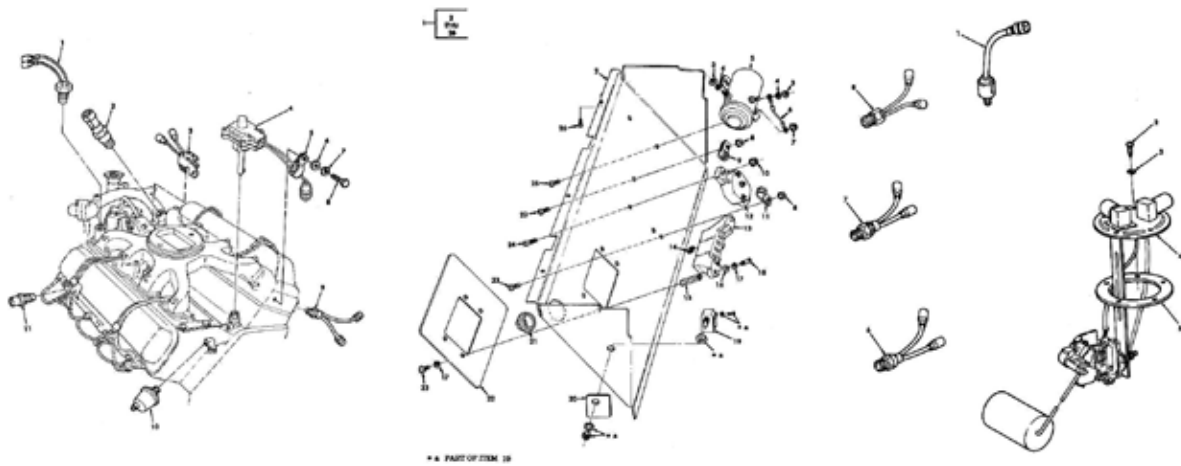
- o nível técnico, relativo ao rigor da transmissão dos sinais;
- o nível semântico, relativo à precisão com que os signos transmitidos convém ao significado desejado;
- o nível de eficácia (pragmático), relativo à eficácia com que o significado da mensagem afecta da maneira desejada a conduta do destinatário.

Tomemos o exemplo do mostrador indicativo do volume de gasolina no depósito de um carro e o seu respectivo condutor.

As questões técnicas dizem respeito à medição do volume de combustível no depósito e consequente transmissão dessas medidas para um mostrador no painel de instrumentos do carro.

4 António Fidalgo e Anabela Gradim, “Manual de Semiótica”, UBI, 2004/2005, p.12, in <http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-antonio-manual-semiotica-2005.pdf> @ 21.1.2006 14:50 PT

Estão aqui envolvidas, ao nível técnico, relações tipo causa/efeito e não tipo sgnico.



5

As questões semânticas dizem respeito à leitura do mostrador no painel de instrumentos do carro por parte do condutor. Aqui há um significado que é preciso conhecer. Estão aqui envolvidas, ao nível semântico, relações semióticas.



6

As questões de eficácia dizem respeito ao comportamento do condutor perante a informação obtida. A luz amarela assume claramente uma dimensão pragmática. Estão aqui envolvidas, também ao nível de eficácia, relações semióticas.



7

5 Montagem feita a partir de imagens disponíveis em <http://www.tpub.com/> @ 4.2.2006 3:06 PT
6 Montagem feita a partir da imagem disponível em <http://www.teleoptik.co.yu/img/auto/403a.jpg>
7 <http://www.teleoptik.co.yu/img/auto/403a.jpg>

Quer ao nível semântico quer ao nível de eficácia estão envolvidas relações semióticas. Ainda assim elas não se constituem de primordial importância. A mensagem e os seus destinatários estão, à partida, determinados. O processo comunicacional, aqui, é de transmissão de uma mensagem de A para B, e não sobre o próprio processo de formação da mensagem a transmitir, da sua estrutura interna, da sua adequação ao que significa, da sua relevância. Trata-se, aqui, da sua comunicação. Assumindo a mensagem como algo já formado, estruturado, adequado, relevante. Outro entendimento da mensagem que não esse é tido como ruído.

A escola semiótica da comunicação entende a comunicação como a transmissão de uma mensagem onde o factor primordial está colocado na criação dos significados e na formação das mensagens a transmitir. Para que haja comunicação é preciso criar uma mensagem a partir de signos, mensagem essa que induzirá o interlocutor a elaborar outra mensagem e assim sucessivamente.

Neste caso, as questões fundamentais são de cariz semiótico e prendem-se com os tipos de signos que se utilizam para criar mensagens, as regras de formação das mensagens, os códigos que os interlocutores têm que partilhar entre si para que a comunicação seja possível, as denotações e quais as conotações dos signos utilizados, o tipo de uso que se lhes dá.

“O modelo semiótico de comunicação não é linear, não se centra nos passos que a mensagem percorre desde a fonte até ao destinatário.

A comunicação não é tomada como um fluxo, antes como um sistema estruturado de signos e códigos.

“So these models will differ from the ones just discussed, in that they are linear, they do not contain arrows indicating the flow of the message. They are structural models, and any arrows indicate relationships between elements in this creation of meaning. These models do not assume a series of steps or stages through which a message passes: rather they concentrate on analysing a structured set of relationships which enable a message to signify something.”, John Fiske, “Introdução ao Estudo da Comunicação”, pp. 42-43.”

O modelo semiótico considera inseparáveis o conteúdo e o processo de comunicação. Conteúdo e processo condicionam-se reciprocamente, pelo que o estudo da comunicação passa pelo estudo das relações sógnicas, dos signos utilizados, dos códigos em vigor, das culturas em que os signos se criam, vivem e actuam.

Quer isto dizer que o significado da mensagem não se encontra instituído na mensagem, como que seu conteúdo, e independente de qualquer contexto, mas que é algo que subsiste numa relação”⁸

8 *ibid*, p.19